

humanitas

Vol. XLVII - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO II
MCMXCV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



JOÃO DOMINGUES
Universidade de Coimbra

**O SIGNIFICADO DA MORTE
NAS MÉMOIRES D'HADRIEN
DE M. YOURCENAR**

Aos que eventualmente preferissem um «Journal d'Hadrien» às *Mémoires d'Hadrien*, M. Yourcenar observa que um homem de acção raramente escreve um diário; é mais tarde que, num período de quase inactividade, lembra, anota e escreve ¹.

Um olhar retrospectivo, enriquecido pela reflexão, pela experiência e pela maturidade, impõe, desde logo, uma certa objectividade e realismo. Para mais, apesar do carácter eminentemente subjectivo de toda a narração feita na primeira pessoa, os próprios factos vestem, também eles, o manto do real e da transparência: por pertencerem ao passado, eles são simplesmente inalteráveis.

No caso de Adriano, a estes elementos vem ainda juntar-se a experiência da dor pertencente ao presente da narração e que, qual filtro purificador do pensamento, julga e revela o passado em toda a sua nudez. Dor inexorável que, Adriano sabe-o bem, o conduzirá ao seu termo.

As *Mém. d'Had.* aparecem, assim, como uma longa reflexão do imperador que vê chegado o momento de deixar a outrem as rédeas de um império que chegara ao seu auge; meditação à qual junta a sua visão do mundo: «il s'agissait de faire passer une dernière vision du monde antique vue par un de ses derniers grands représentants, et que cet être eût l'expérience du pouvoir suprême, celle de la guerre, celle d'immen-

¹ Cf. Yourcenar, M., *Mémoires d'Hadrien*, Gallimard, 1974, notes, 339.

ses voyages, celle du grand commis occupé de réformes économiques et civiles.»²

Acrescem ainda muitas preocupações, de todo o tipo, e dúvidas sobre a vida e sobre a morte, e desespero, e muita ânsia de eternidade.

A forma que o texto desde logo assume — uma carta³ — e o assunto que o próprio narrador/protagonista diz ter como objecto de reflexão dão à narração um carácter tão íntimo, que torna pouco pertinente qualquer dúvida sobre a veracidade do que é relatado.

Adriano começa por descrever, detalhadamente, a sua doença, a degradação do próprio corpo e as preocupações dos médicos que o rodeiam; progressivamente, a descrição torna-se reflexão, e aquilo que parecia uma obsessão torna-se o filtro, a luz que ilumina o seu olhar para julgar o passado⁴: de facto, a doença despe-o dos adereços imperiais, e até humanos, pelo menos diante do médico que não vê no paciente senão uma «triste amalgame de lymphe et de sang»⁵. A consciência clara da doença inexorável, a ideia do corpo que não passa de um «monstre sournois qui finira par dévorer son maître», dão a Adriano, nem medo nem esperança — tão vãos um como outro —, mas antes uma certa *tranquilitas* que permitirá pensar o fim da vida como uma simples «derrota aceite».

É nesta perspectiva realista e imanentista, pelo menos muito céptica quanto ao Além, que Adriano nos parece reler toda a sua vida. O protagonista que nos conta o seu passado é não só um homem que tem a consciência de que começou o seu fim — «je commence à apercevoir le profil de ma mort»⁶, mas essencialmente o Adriano «[qui] commence à connaître la mort» — conhecimento individual, misterioso e intransmissível.

O olhar de Adriano sobre a própria vida é pois, necessariamente, condicionado pelo momento em que escreve, pelo que até ali pôde entender da vida; mais do que pelas acções realizadas ou pelos cargos ocupados: «il me semble à peine essentiel, ao moment où j'écris ceci, d'avoir été empereur»⁷. A vida não é apenas, nem essencialmente, uma série de empresas que se sucedem; o tempo vivido em nada corresponde à relação

² YOURC., M., *Les Yeux ouverts*, éd. du Centurion, Paris 1980, 79.

³ «Peu à peu, cette lettre commencée pour t'informer des progrès de mon mal est devenue le délassement d'un homme qui n'a plus l'énergie nécessaire pour s'appliquer longuement aux affaires d'État, la méditation écrite d'un malade qui donne audience à ses souvenirs». YOURC., M., *Mém. d'Had.*, 29.

⁴ Ou seja, sessenta anos de vida, vinte e dois dos quais como imperador romano.

⁵ YOURC., M., *Mém. d'Had.*, 11.

⁶ *Ibidem*, 13.

⁷ *Ibidem*, 34.

externa espaço — movimento; as relações humanas não são proporcionais à convivência física; a distância não revela necessariamente afastamento; as verdadeiras causas não são conhecidas, o acaso não é explicação, ... a morte. A morte talvez, como ponto final, como elo que se rompe deixando cair um peso que se tornara inútil e que será, doravante, novamente matriz no devir constante da harmonia universal. Talvez a morte pudesse permitir dar um sentido à vida; ou mostrar que a vida não tem sentido; que a vida é, apenas.

Não falamos do Adriano histórico, certamente, mas antes da personagem do imperador na recriação yourcenariana que, antes de contar a sua vida ao jovem Marco Aurélio, se apresenta primeiro a si próprio sem grandes complacências: «un homme qui avance en âge et s'apprête à mourir d'une hydropisie de cœur»⁸.

«Paix... J'aime mon corps; il m'a trop bien servi ...»⁹.

Adriano aprecia pouco a juventude¹⁰, idade pouco desenvolvida da existência. Indefinida nas suas formas e frágil, tanto nas suas opções como na sua materialidade, sujeita ainda a grandes mutações, ela não pode agradar a um jovem ambicioso e sedento de ascensão na hierarquia do poder, quando a idade era justamente um dos requisitos exigidos para se chegar a postos de chefia.

Se a beleza que a noção de juventude carrega consigo, no seu sentido estético mais puro, tivesse, por algum tempo, ocupado o pensamento do imperador, não nos estranharia; tanto mais que, ao nível da sedução carnal, alguns casos parecem tê-lo ocupado significativamente. Mas não foi esse o rumo que tomou a sua reflexão sobre a vida.

Para o jovem militar, inebriado de coragem e de sentido do dever, a morte não existia, não passava de um choque, de um espasmo. Para o narrador, em cada dois pensamentos, um traz à ideia a própria morte, «comme s'il fallait tant de façons pour décider ce corps usé à l'inévitable»¹¹.

Perante a insignificância dos nossos actos face à radicalidade do facto morte, a busca vai antes no sentido de algo que possa permanecer, resistir à usura do tempo.

O quase desprezo pela juventude, sua e dos outros, a busca de uma «*téchné*» que nos permitisse vislumbrar o ponto de encontro em que a

⁸ YOURC., M., *Mém d'Had.*, 11.

⁹ *Ibidem*, 11.

¹⁰ Cf. YOURC., M., *Mém d'Had.*, 47.

¹¹ *Ibidem*, 65.

nossa vontade se articula com o destino¹², em detrimento de toda a filosofia, a busca, enfim, não da impassibilidade, mas do poder de se resignar à própria dor, num misto de audácia, submissão e revolta, apontam para aquilo que de mais válido se poderá alguma vez adquirir e possuir até ao último momento: o domínio de si próprio, numa aceitação lúcida da própria existência; esse autodomínio perfeito — indiferença total face às adversidades? — seria comparável à «l'équanimité d'un dieu»¹³.

A morte, sempre a morte, para a qual tudo se dirige, e após a qual nada é. Solução abrupta e radical, em caso de perigo, mas também convite para a luta pela vida, que em Adriano significa poder, pois só o poder lhe permitiria ser ele mesmo antes de morrer¹⁴. Adriano chama caluniosas às vozes que se levantaram para falar de um golpe montado pelos seus amigos¹⁵, no leito de morte de Trajano, para que este o adoptasse e, por consequência, lhe legasse o poder¹⁶. Impávido, Adriano ignora o que se terá passado, e guarda em seu favor o benefício da dúvida¹⁷; tem consciência de ser o melhor e julga que lhe pertence dirigir os destinos do Império.

A sua luta pelo poder justifica-se: é que, por maior que seja o périplo que intentemos, com a própria vida, no tempo e no espaço, no ter, no poder e no prazer, ou mesmo na mais séria das ambições humanas que é ser, ser sempre mais, a constatação final é uma só e Adriano viu-o claramente: «peu d'hommes se réalisent avant de mourir»¹⁸. Urge, pois, lutar tenazmente para que nele a excepção se cumpra, ainda que não seja senão para confirmar a regra.

¹² Cf. YOURC, M., *Mém. d'Had.*, 52.

¹³ *Ibidem*, 65.

¹⁴ *Ibidem*, 99.

¹⁵ *Vita Hadriani*, 4,10.

¹⁶ De facto, na *Vita Hadriani*, 4, 8-9, podemos ler (a trad. é nossa):

«Segundo uma opinião que se espalhou, Trajano tivera a intenção de deixar Neratius Priscus como seu sucessor e não Adriano: muitos amigos pensavam assim; de tal modo que um dia ele disse a Priscus: «recomendo-te as províncias, caso me aconteça algum mal.» E diz-se também frequentemente que Trajano pensou morrer sem designar o seu sucessor, como fizera Alexandre da Macedónia; segundo outros, ele teria pensado enviar uma carta ao Senado pedindo-lhe que, em caso de acidente, desse um chefe ao estado romano: ele ter-se-ia limitado a juntar uma lista para que, daí, o Senado escolhesse o mais digno.» Dion Cassius, 69,1,1, diz claramente: «Adriano não foi adoptado por Trajano.»

¹⁷ YOURC, M., *Mém. d'Had.*, 102.

¹⁸ *Ibidem*, 100.

Ler a própria existência à luz dos últimos focos que iluminam a cena da vida, antes da descida final do pano, não significa desprezo pelo «jogo da vida»: Adriano foi um imperador activo e sabia que o seu reino constituía, para a época, o centro do mundo. Parece mesmo não ter poupado esforços para instaurar essas *Humanitas, Felicitas, Libertas*, gravadas em moedas cunhadas durante o seu reinado. Pensa-se que terá sido real a preocupação deste imperador filósofo de melhorar a condição humana; apenas uma dúvida subsistia: talvez os homens o não merecessem¹⁹!

Reflectir longamente sobre a própria morte, ou mesmo sobre a morte de outrem, torna-se estímulo para acrescentar à vida esses prolongamentos quase indestrutíveis que são os monumentos, sejam eles de tijolo, em Roma, ou de mármore, na Grécia, qual artista que se julga eterno nas próprias obras²⁰; ou até cidades inteiras, como Plotinópolis, Andrinople, Hadrianople no Epiro ou Antínoe, «la plus chère, née sur l'emplacement du malheur ...»²¹.

No momento de crise que precedeu a morte de Trajano, Adriano vê o suicídio como um fim possível para escapar às mãos do inimigo político, caso o atingisse o mau fado da derrota. Quando o filósofo estóico lhe pede o direito de pôr fim à vida, o imperador concede-lho, como uma benesse com que pode prender-se um amigo; mas a morte misteriosa — voluntária? — do jovem Antínoo aterrou-o. Mais tarde, a reflexão sobre o mesmo problema, mas na primeira pessoa, tornar-se-á todo outro: pois não se trata de deixar de ter algo que nos rodeia, de alguém mais ou menos próximo ou querido; trata-se antes de deixar de ser. A existência frente ao nada, a consciência frente à morte, o homem face ao próprio aniquilamento.

Nas várias tentativas de compreensão do fenómeno morte, Adriano não vai além das banais interrogações sobre essa harmonia corpo-alma, que com ela se desfaz, cujos modo e momento nos escapam por completo, como nos escapa o conhecimento da alma e da sua essência. E se o modo como acontece nos escapa, a razão final desse «acontecer» não vai além do «sem-sentido» da vida que se deixa chegar ao fim, isto é, uma derrota; aceite, na melhor das hipóteses. Já diferente é o sentido da vida que se entrega em forma de dom propiciatório, como teria sido o suicídio de Antínoo para Adriano; esse sentido perpassa pelo domínio religioso, aliás aceite por Adriano, que interpretou essa morte como dádiva sagrada²².

¹⁹ YOURC, M., *Mém. d'Had.*, 127.

²⁰ Cf. *Ibidem*, 141.

²¹ *Ibidem*, 144.

²² Cf. *Ibidem*, 198-200.

Assimilado ao culto de Osíris, o grande deus, Antínoo deixou de ser apenas homem e ganhou o estatuto de divindade. Adriano reconhecerá que esta morte não o terá ajudado a viver, mas ajudou-o a assumir a morte²³.

O mal inevitável que é a morte frente ao cortejo de males que acarreta a vida; o mal que é perecer inesperadamente na juventude frente à morte lenta que é envelhecer; verdades apresentadas a Adriano em forma de *consolatio* pela morte de Antínoo, mas verdades que justificam antes o desespero do que a resignação. Com que autoridade se impõe a imortalidade da alma, «de cette entité vague que nous n'avons jamais vu fonctionner dans l'absence du corps ... ?»²⁴ Enganavam-se os poetas: cantavam a glória e chamavam-lhe imortalidade, como se o rasto de um ser fosse o mesmo que a sua presença²⁵! O deus Antínoo não substitui o ser de carne e osso, a pessoa amada. Preferir pensar na imortalidade em vez de enfrentar a fria morte silenciosa, é preferir o sonho à realidade, as hipóteses aos factos.

A glória, o renome, a fama, são de facto, para Adriano, a única forma de eternidade. São os monumentos e os poemas que são fonte de eternidade para quem mereceu deixar neles a sua marca ou o seu nome. «Ces poèmes... me rendaient peu à peu ma confiance en l'éternité»²⁶.

A realidade nua e crua: «j'avais toute ma vie fait bon ménage avec mon corps; ... Cette étroite alliance commençait à se dissoudre»²⁷. Adriano teme o próprio corpo; e este teme-o a ele! Insónias, dores de cabeça, hemorragias, são outros tantos desentendimentos entre um Adriano activo e um corpo que já não obedece ao seu senhor. Por fim, a doença declarada: «une *hydropisie de cœur*». O duelo fatal. Cada gesto, cada acção têm cumprimento, agora, pela última vez.

O império está em ordem, o sucessor escolhido, um último assunto está por resolver: a própria morte.

As fontes históricas pouco dizem sobre os últimos tempos de vida do imperador; limitam-se a mencionar os tormentos que o terão conduzido a procurar o suicídio e a manifestar a mais viva revolta contra os adversários reais ou apenas suspeitos²⁸. Mas o poder criador da romancista fez dele um filósofo em busca da serenidade e deu-nos, dos seus últimos dias,

²³ YOURC., M., *Mém. d'Had.*, 310.

²⁴ *Ibidem*, 227.

²⁵ Cf. *Ibidem*, 227.

²⁶ *Ibidem*, 236.

²⁷ *Ibidem*, 264.

²⁸ POIGNAULT, R., «Images de l'Empereur Hadrien d'après l'*Histoire Auguste*, relue par Marguerite Yourcenar», *REL*, 69, 1991, 214.

uma imagem verosímil, mas verdadeiramente heróica, face ao sofrimento que, implacável, o ia aniquilando.

Adriano ouvira já a maga de Canope predizer-lhe graves doenças, durante a viagem que, com Antínoo, fizera ao Egipto²⁹; não lhe deu importância. É durante o conflito da Judeia que o mal se impõe³⁰: suporta cada vez menos a fadiga; e a tosse, as dores de cabeça e uma forte hemorragia fazem-no sentir-se chegar às portas da morte³¹.

Num «second avertissement», Adriano entrevê, por um instante, o próprio trespassse e, com a grandeza de alma que possui, em vez de ser tomado pelo pânico ou pelo desespero, procura antes analisar o que sentira, e lamenta a incapacidade da linguagem para traduzir esta experiência única.

Na fase mais dolorosa da doença, a ideia do suicídio volta novamente e torna-se uma obsessão³², não sem um misto de volúpia: «... je sais ce que c'est que d'effleurer voluptueusement de la main l'étoupe d'une corde ou le fil d'un couteau»³³. Adriano vê a própria morte como «[une] affaire ... [qui] ne concernait que moi»³⁴; de tal forma que o problema, para Adriano, não estava em matar-se ou deixar-se morrer. Não veríamos, aliás, com realismo, o imperador, que concedera a alguém a benesse de poder suicidar-se, colocar qualquer problema moral sobre o próprio suicí-

²⁹ YOURC., M., *Mém. d'Had.*, 210.

³⁰ A doença que atormentou os últimos anos do imperador é referida pelos autores antigos, mas não precisam a data em que surgiu, e a identificação do mal é variável. No *Epítome* fala-se dos sofrimentos de uma afecção sub-cutânea que o atormentou longamente. Moisés de Khorene, na sua *História da Arménia*, — cit. por FOLLET, S., «Hadrien en Egypte et en Judée», *Revue de Philologie*, LXII, Klincksieck, Paris 1968, 73 — diz que, na altura da guerra judia, consta que Adriano fora vítima da lepra. Dion Cassius, em 69,17,1 e 69,20,1, evoca as perdas de sangue, bem como o diagnóstico de hidropisia, elemento retomado por Yourcenar. A *História Augusta — Vita Hadriani*, 23,1 — faz surgir a doença após as grandes viagens de Adriano, e o mal revela-se pre-ocupante por volta de 136, pois terá sido ele a incitar o imperador a pensar na sucessão.

³¹ YOURC., M., *Mém. d'Had.*, 264-5.

³² As fontes apenas enunciam o desejo do imperador de se suicidar. Tudo o resto é criação de Yourcenar.

Segundo a *Vita Hadriani*, 24,8, Adriano teria ordenado a um escravo que o trespassasse com uma espada e, em 24, 11 diz que ele teria ordenado aos seus escravos mais fiéis que o matassem. Yourcenar segue, mais uma vez, a versão de Dion Cassius 89,22,2-3. Para a morte do médico a quem ele pedira o veneno, Yourcenar tem como fonte a *Vita Hadriani*, 24, 12: *petit et uenenum a medico, qui se ipse, ne daret, occidit*.

Acerca da recriação romanesca deste passo, veja-se a explicação da própria autora em YOURCENAR, M., «Ton et langage dans le roman historique», *NRF*, 238, Paris, octobre 1972, 105-6.

³³ YOURC., M., *Mém. d'Had.*, 298.

³⁴ *Ibidem*, 270.

dio. Ele é apenas um sinal de liberdade, uma opção muito pessoal e prática: uma forma de abreviar o sofrimento.

Mas o que mais seduz no suicídio é que ele permite sentir a morte, vivê-la, «les yeux ouverts»; é que «on voulait mourir; on ne voulait pas étouffer»³⁵. Não era, pois, frívolo nem isento de um sentido profundo o desejo de se suicidar. Outras razões, porém, talvez mais válidas, certamente mais profundamente enraizadas no imperador e no homem, levaram o herói das *Mém. d'Had.* a afirmar: «j'ai renoncé à brusquer ma mort»:

- «Ma mort me semblait la plus personnellle de mes décisions, mon suprême réduit d'homme libre; je me trompais»³⁶. A morte do imperador é um acontecimento público da maior importância; o suicídio deixaria cúmplices sujeitos a punição e, aos amigos, pareceria sempre um acto de indiferença, de ingratidão talvez.
- «J'ai commencé à m'intéresser à cette vie qui me quittait»³⁷.

Como que provindas do mais fundo do instinto de conservação, o agonizante encontra um sem-número de razões para continuar vivo, apesar de todos os sofrimentos: o conforto dos amigos, os conselhos que ainda pode dar a Antonino, seu sucessor, o não querer deixar de si a imagem de alguém que não foi capaz de suportar apenas um pouco mais de sofrimento, ... e a lucidez heróica de quem despreza igualmente o desespero e a esperança. À *Patientia*, sua última divisa, junta-se a *Curiositas* do filósofo e a *Tranquilitas* do sábio: «Toute ma vie j'ai fait confiance à la sagesse de mon corps; j'ai tâché de goûter avec discernement les sensations que me procurait cet ami: je me dois d'apprécier aussi les dernières»³⁸. A morte torna-se, a seus olhos, o ponto mais alto, o cumprimento de todo o seu ser. Ao contrário do que as fontes nos fazem crer³⁹, Adriano, nas *Mém. d'Had.*, aceita a morte natural e acede, por aí, a uma forma de sabedoria e de serenidade extraordinárias. Yourcenar faz de Adriano um modelo de humanidade que aceita os próprios limites e quer explorar, até ao fim, todas as particularidades da sua condição.

³⁵ YOURC., M., *Mém. d'Had.*, 299.

³⁶ *Ibidem*, 302.

³⁷ *Ibidem*, 299.

³⁸ *Ibidem*, 302.

³⁹ *Vita Hadriani*, 24,11-12, refere outras tentativas de suicídio; Dion Cassius 69,22,4, afirma que o abandono do regime alimentar é que o fez perecer.

Numa espécie de heroicização progressiva do protagonista, Yourcenar serve-se de algumas passagens pouco verosímeis referidas pelas fontes, como as que relatam os poderes taumatúrgicos do imperador, e tidas, pelas próprias fontes, como imposturas montadas para convencer Adriano a abandonar a ideia do suicídio. Yourcenar interpreta-as como marcas da popularidade do soberano e da crença geral nos seus poderes sobrenaturais⁴⁰.

Em perfeita harmonia consigo próprio, sereno e magnânimo⁴¹, Adriano parece preparar-se apenas para a desintegração do seu corpo e a «reentrada» no todo universal; na eternidade?

Adriano não tem ilusões: a imortalidade é feita de alguns séculos de memória, seguidos de muitíssimos de esquecimento; foi o que conseguiu para Antínoo, é o que espera para si próprio. «On ne fait guère mieux en matière d'immortalité»⁴². O pensamento de Adriano não muda, apenas

⁴⁰ No entanto, a ideia com que ficamos ao ler as fontes é bem diferente: Dion Cassius, 69,23,2, diz-nos que o imperador foi odiado pelo povo por causa dos assassinios que ordenou, no início e no fim do seu reinado. Em *Vita Hadriani* diz-se mesmo: *inuisusque omnibus*.

⁴¹ Mais uma vez a recriação yourcneriana contradiz as fontes que, apesar de reconhecerem em Adriano um excelente governador do império, não deixam de apontar para aspectos que negam essa pretensa serenidade dos seus últimos tempos:

- *Vita Hadriani*, 23,4-6, diz que ele execrou um antigo amigo Platorius Nepos.
- Fontes antigas sublinham mesmo uma espécie de demência do imperador, no fim da sua vida, que o levava a executar quantos ele julgava seus opositores: *Vita Hadriani*, 24,4; 25,8; *Vita Antonini*, 2,4; Epítome, 14.
- Segundo a *Vita Heliogabali*, 7,9,sq., Adriano, vítima de um acesso de furor, ouviu de um oráculo que se apoderasse da morada ou do nome de um louco, e foi então que ele deu o seu nome á cidade de Orestes, o que acalmou a demência que o levava a reclamar a morte de numerosos senadores.

Nas *Mém. d'Had.*, não se trata de um milagre, mas de um esforço de autodomínio que confere a paz a Adriano que, aliás, não chega a revelar esta animosidade contra os senadores.

⁴² YOURC., M., *Mém. d'Had.*, 308.

O problema da imortalidade em *Mém. d'Had.* não é, no entanto, tão simplista quanto o nosso desenvolvimento linear poderia erroneamente fazer entender. De facto, Adriano interroga-se longamente sobre a existência e a natureza da alma humana. Chegou até a recorrer à magia e à anatomia para tentar desvelar este mistério; *Mém. d'Had.*, 198. Com a morte de Antínoo, o cepticismo condu-lo às portas do desespero; *Mém. d'Had.*, 227. Quando chega a sua hora, duvida até se tem uma alma, e se a morte não será senão caos e aniquilamento; *Mém. d'Had.*, 310-11. Mas a insatisfação e a dúvida permanecem irresolúveis: «d'autre part, il m'arrive aussi de trouver trop simple la solution..., le néant propre, le vide creux où sonne le rire d'Épicure»; *Mém. d'Had.*, 311. Quanto ao *post-mortem*, tudo não passa de puro mistério.

amadurece e se tranquiliza; muito antes ele afirmara: «l'humain me satisfait; j'y trouve tout, jusqu'à l'éternel»⁴³; agora conclui: «Nos livres ne périront pas tous... d'autres coupoles et d'autres frontons naîtront de nos frontons et de nos coupoles; quelques hommes penseront, travailleront et sentiront comme nous: j'ose compter sur ces continuateurs... sur cette intermittente immortalité.» O artista eterniza-se na sua obra, o imperador no império, o homem no homem que há-de vir.

Nas *Mém. d'Had.*, não há lugar para outra crença na sobrevivência dessa *anima uagula blandula*, após a desintegração do corpo. A sua imortalidade «intermitente» repetir-se-á cada vez que alguém parar para repensar a vida de um imperador e reescrever um nome, Adriano.

⁴³ YOURC., M., *Mém. d'Had.*, 145-6.